



5º Congresso de Pesquisa

REPRESENTAÇÕES DO HOMEM DO SERTÃO

Autor(es)

LUIZ FRANCISCO ALBUQUERQUE DE MIRANDA

Apoio Financeiro

FAP/UNIMEP

1. Introdução

O projeto Representações do homem do sertão (1808-1870), aprovado pelo FAP/UNIMEP em 2006, investiga as caracterizações que, no século XIX, autores estrangeiros e brasileiros apresentaram do interior da região centro-sul do Brasil (compreendendo os atuais estados de São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul). Analiso aqui relatos de viagem de cientistas que estiveram no Brasil logo após a chegada da família real portuguesa em 1808, quando se inaugurou um ciclo de expedições científicas conduzidas por naturalistas em busca de um conhecimento mais preciso da flora, fauna e geografia da América Portuguesa (Oberacker, 1976, p. 119-131). Os viajantes também procuravam caracterizar os tipos humanos e as experiências sociais. Por diferentes caminhos, a imagem dos brasileiros do sertão produzida pelos viajantes está vinculada ao debate a respeito da inferioridade do homem americano, que se intensificou entre os intelectuais europeus a partir de meados do século XVIII graças aos trabalhos de Buffon, Raynal e De Pauw. Antonello Gerbi aponta os principais problemas dessa produção: na análise da realidade americana, por “demasiadas vezes o exemplo solitário foi generalizado como regra universal” e dados verdadeiros “se hipostasiaram em juízos de valores”, com “indevida qualificação pejorativa”, reafirmando a antítese esquemática e tradicional entre o Novo e o Velho Mundo, antítese presente já nos textos renascentistas (Gerbi, 1996, p. 16-17). Em um texto muito lido na época, as Recherches philosophiques sur les Américains de 1768, De Pauw, um clérigo alemão, levou ao extremo a difamação. Para ele, os nativos da América odiavam as “leis da sociedade e os obstáculos da educação”, vivendo cada um por si, sem se ajudarem reciprocamente, em um “estado de indolência, de inércia” (Gerbi, 1996, p. 56-57). Chegou mesmo a negar a grandeza dos monumentos incas e astecas, para o escândalo de muitos filósofos do período. De Pauw nunca esteve na América, porém, recorrendo aos relatos de missionários e autoridades coloniais, caracterizou o indígena como um ser moral e fisicamente débil. Criticado por vários autores, ele sustentou sua posição com firmeza. No verbete “América”, escrito para o Supplément à l'Encyclopedie de 1776 (não confundir com a Encyclopedie editada por Diderot e D'Alembert), De Pauw reafirmou que os americanos eram estúpidos, inertes, indolentes, fisicamente débeis, dispersos, “de qualquer forma incapazes de progresso civilizatório”; mesmo os descendentes dos europeus teriam degenerado, mas o clima do “Novo” continente parecia ser o maior responsável por isso (Gerbi, 1996,

p. 91). No mesmo sentido, o pensador escocês Robertson, em *History of América de 1777*, afirmava que “o traço mais destacado do caráter americano continua a ser uma apatia constitucional”, característica considerada inata e indelével. Os índios também manifestavam uma “caprichosa criancice” e facilmente abandonavam-se ao ócio, aos divertimentos ou à embriaguez (Gerbi, 1996, p. 140-141). Esse conjunto imagético, anterior às grandes expedições científicas à América do Sul, orientaram os relatos de viagem. É necessário superar a ilusão de que os viajantes cientistas relataram suas experiências de maneira completamente objetiva, sem recorrer a qualquer referência cultural. Esta pesquisa procura salienta que eles tinham pressupostos e preconceitos, interesses e finalidades. Se não submetemos à crítica essas referências, jamais escaparemos dos limites intelectuais e da perspectiva eurocêntrica desses observadores. Suas descrições do sertão brasileiro não podem ser tratadas apenas como documentos históricos confiáveis, mas também como produtos culturais articulados com a expansão européia no momento em que ela se redefinia entre os séculos XVIII e XIX.

2. Objetivos

Discuto a representação do sertão do centro-sul do Brasil no período imediatamente posterior à chegada da família real em 1808. Trata-se de pensar os textos dos viajantes estrangeiros como produtos culturais que ajudaram a construir ou consolidar a imagem dos sertanejos como entraves para o progresso.

3. Desenvolvimento

Analiso três naturalistas: o francês Auguste de Saint-Hilaire e a dupla alemã Carl F. von Martius e Johann B. von Spix. O primeiro visitou o centro-sul do Brasil entre 1816 e 1822. Os alemães, de 1817 a 1820, percorreram juntos uma vasta área de São Paulo ao Amazonas. Todos eram naturalistas (Saint-Hilaire e Martius, botânicos, Spix, zoólogo) e mantiveram relações estreitas com importantes academias de ciências de seus países de origem (Paris e Munique). Para atingir os objetivos do projeto, proponho que, ao tentar explicar o comportamento dos sertanejos do centro-sul do Brasil, esses viajantes recorreram a três núcleos explicativos: 1) a mestiçagem e a origem racial; 2) o clima e o ambiente tropical; 3) o isolamento e as formas de sociabilidade em uma área de fronteira entre o mundo selvagem e o civilizado. Entendo os núcleos como conjuntos de referências que orientaram os viajantes. Aqui, me limito ao terceiro núcleo: os sertanejos, para os viajantes, eram homens que viviam quase isolados nos “desertos” do interior do Brasil.

4. Resultados

No início do século XIX, a palavra sertão defini áreas de população rarefeita e distantes da costa brasileira. Spix & Martius assim se referem ao nordeste de Minas Gerais: “a parte ocidental, a partir do rio Jequitinhonha, é muito menos povoada, pelo que é chamado pelo nome comum de sertão” (Spix & Martius, 1976, II, p. 50). Narrando a travessia da fronteira do termo de Minas Novas, os alemães afirmam: “achamo-nos agora no sertão, como denominam os mineiros a vastidão deserta, na sua linguagem usual” (Spix & Martius, 1976, II, p. 65). Tradicionais imagens bíblicas relacionadas ao deserto vieram à mente dos viajantes ao atravessar o interior mineiro: “encontrávamos freqüentemente nuvens de pó negro, em cuja base chispavam faíscas, fazendo-nos lembrar as colunas que precediam os israelitas no deserto, indicando-lhes o caminho” (Spix & Martius, 1976, II, p. 97). A imagem judaico-cristã do deserto mítico ajuda a entender o sentido da palavra sertão nesses relatos: como o povo de Deus, a ciência, para cumprir seu destino e contribuir para o progresso da humanidade, precisava enfrentar os desafios dos lugares perigosos e desconhecidos, fora do domínio da civilização, onde seria fácil perder o verdadeiro significado da viagem. Essa travessia, repleta de perigos e maravilhas (Spix & Martius, 1976, II, p. 62), desafiava a perseverança do cientista, pois oferecia experiências que poderiam reafirmar ou colocar em cheque suas convicções e seus compromissos. Descrevendo áreas do oeste de Minas Gerais, Saint-Hilaire também caracteriza o sertão como “região desértica” (Saint-Hilaire, 1975, p. 92). O trajeto entre Lajes, em Santa Catarina, e a cidade paulista de Sorocaba, é descrito como um “sertão, imenso deserto coberto de matas” (Saint-Hilaire, 1972, p. 233). Ao tratar da comarca de Paracatu em Minas Gerais, o autor enfatiza que ela é “um imenso

deserto” “menos civilizado” do que outras regiões mineiras, pois “se acha muito afastado do que se pode considerar como os centros civilizados da Província de Minas [Ouro Preto, São João del Rei etc]”. “Creio poder afirmar”, salienta o autor, “que os habitantes da região que atravessei para chegar a essa cidade [Paracatu] são constituídos pela escória da Província de Minas” (Saint-Hilaire, 1975, p. 118). Dois elementos se articulam nessa representação do interior do país: a imagem do “imenso deserto” e o conceito de civilização. Os sertanejos aparecem como “escória” na medida em que não correspondem ao modelo dos “centros civilizados”. Para o naturalista, as regiões definidas como desérticas, além da escassez de habitantes, carecem de uma série de atividades, comportamentos e formas de organização típicos da Europa. Seus habitantes valem pouco, pois são incapazes de reproduzir o processo civilizador europeu. Quando não encontra sinais deste último, o viajante parece entristecer e, angustiado, representa as áreas interioranas como grandes vazios, martírio do homem civilizado – vale lembrar a imagem bíblica de Spix & Martius –, salpicados de uma gente desprezível que nada pode fazer para tornar útil o território. Assim, o que define o suposto deserto brasileiro, onde residem índios e mestiços, não é exatamente a ausência de pessoas, mas a inexistência da vida civilizada. A obra de Saint-Hilaire deixa transparecer que nessas terras monótonas existem estradas com pousos para viajantes, sítios e casebres pobres, lugares com nomes bem conhecidos, pessoas de aspecto humilde, as vezes até engenhos de açúcar, todavia, as áreas interioranas continuam sendo definidas com “desérticas”. Não estou insinuando que Saint-Hilaire se engana quando aponta a baixa densidade populacional do interior. Porém, a imagem de um sertão monótono e vazio é muito mais que uma constatação: trata-se de um juízo de valor e manifesta um projeto. Visto como deserto, o sertão pode ser representado como improdutivo e precário, o que termina por condenar o comportamento e as formas de existência de seus habitantes. Graças a esse conjunto de representações, parece aceitável conceber o interior do Brasil como uma imensa área aberta à ação do homem civilizado, o único realmente capaz de aproveitar os recursos disponíveis e construir o progresso. Assim, os viajantes escamoteiam e negam a cultura e as formas de subsistência dos sertanejos: suas comunidades simbolizam o estado primordial caótico e ameaçador que cederá lugar para a instauração da ordem, do progresso e da civilização. Se o sertão é deserto, seus habitantes vivem isolados. Saint-Hilaire aponta o insularidade como um dos principais motivos para o comportamento rústico dos sertanejos. Relatando sua viagem de Goiás a São Paulo, o naturalista expressa seu incômodo com a apatia dos homens pobres: “Desde Vila Boa [Goiás] até Rio das Pedras [São Paulo], tinha eu tido quiçá cem exemplos dessa estúpida indolência”. Segundo o francês, “embrutecidos pela ignorância, pela preguiça, pela falta de convivência com seus semelhantes”, os caipiras paulistas e goianos “não pensam: vegetam como árvores, como as ervas dos campos” (Saint-Hilaire, 1972, p. 95). O viajante, porém, pouca vezes encontra um sertanejo completamente solitário. A “falta de convivência”, portanto, não alude ao total isolamento dos indivíduos, mas à ausência de relações sociais civilizadas capazes de humanizá-los e retirá-los de sua inércia vegetal.

5. Considerações Finais

A imagem do sertanejo vivendo isolado em uma espécie de deserto desemboca em uma caracterização muito próxima da depreciação dos americanos estudada por Gerbi. Como os selvagens de De Pauw e Robertson, o homem do interior do Brasil é definido pelos viajantes como indolente e apático, ou seja, ele “vegeta”. Estudar essa transferência de representações me parece fundamental para entender como os intelectuais interpretaram o sertão brasileiro.

Referências Bibliográficas

GERBI, Antonello. *O Mundo Novo – História de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

OBERACKER, Carlos. “Viajantes, naturalistas e artistas estrangeiros”. IN: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História geral da civilização brasileira – O Brasil monárquico*. São Paulo: Difel, 1976, tomo II.

SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem às nascentes do rio São Francisco*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem à província de S. Paulo*. São Paulo: Livraria Martins/Edusp, 1972.

SPIX e MARTIUS. *Viagem pelo Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1938, volume I.

SPIX & MARTIUS. *Viagem pelo Brasil*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976, volume II.